

OPINIÃO

Nostalgia com Goethe e Pessoa



**VIRIATO
SOROMENHO-MARQUES**
Professor universitário

Há um belíssimo poema de Heinrich Heine, datado de 1844, que todos os alemães conhecem por ser estudado nos programas escolares. Numa rude tradução para portugueses leríamos assim: “Quando eu penso na Alemanha, pela noite / Sou arrancado do sono, / Já não consigo cerrar os meus olhos / E as minhas lágrimas quentes escorrem”. Não é sem emoção que me sinto cúmplice de Heine pela profunda tristeza que hoje sinto ao pensar no futuro do projeto europeu, no futuro de Portugal e da Alemanha numa Europa que durante décadas pensámos ser a nossa casa comum. Completam-se hoje 25 anos sobre um acontecimento, carregado de esperanças e promessas, cujo contraste com o presente ainda adensa mais a ferida da memória. No dia 18 de outubro de 1991, a Escola Alemã de Lisboa abriu-se a mais de 1500 convidados. Foi o dia da inauguração solene duma obra artística que consagrava a proximidade espiritual de duas figuras maiores das culturas germânica e lusa, respetivamente, Goethe e Pessoa. O Presidente da República, Mário Soares, conferiu ao gesto a máxima dignidade política possível, pois foi ele que presidiu ao ato de oferta ao público dessa obra. O meu queri-

do amigo Karl-Eckhard Carius – escultor, *designer*, professor e um incansável sonhador de coisas possíveis e belas – foi a alma do projeto. Durante ano e meio, à frente de uma equipa de 24 estudantes, entre os 14 e os 20 anos, construiu a notável obra que ainda hoje pode ser apreciada. O seu entusiasmo contagiante permitiu juntar os recursos materiais, com o apoio do empresário Helfried Horster. Muitos outros contributos se juntaram para dar projeção à iniciativa, cuja originalidade foi enaltecida por João Barrento, um dos mais competentes germanistas portugueses e grande especialista na obra do imortal poeta alemão. Lembro-me da alegria de todos nesse amável dia de outono, e do bonito livro coletivo, desenhado por Henrique Cayatte, que guardaria para sempre a memória textual e iconográfica dos percursos estéticos e pedagógicos do projeto. Sei que Karl-Eckhard Carius ambicionava retomar o fio do projeto. Realizar um “Segundo Encontro”, um quarto de século depois. Todos sabemos que na Europa de hoje, a cultura e o espírito dos grandes europeus aparecem como bizarras. 2016 é uma data hostil para empresas nobres e generosas. No distante prefácio ao livro do projeto, Mário Soares escrevia que a Alemanha e Portugal eram dois países “unidos na construção de uma Europa de cidadãos e de cultura”... Quando um vento seco e álgico percorre a Europa, trazendo o pressentimento de novos desertos em formação, importa dizer que o Projeto Goethe Pessoa, inaugurado em 1991, valeu a pena. Mesmo que uma lágrima furtiva nos escorra pelo rosto.